

# Memórias de *Cadernos* nos seus cinquenta anos

MARIA DO ROSÁRIO PERICÃO

## RESUMO

A propósito dos cinquenta anos de *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, sob a forma de testemunho pessoal, presta-se homenagem aos Bibliotecários que os fundaram, em Coimbra, no ano de 1963, e reconhece-se o pioneirismo e a herança profissional que essa geração soube transmitir à seguinte e que permitiu a esta tão significativos avanços técnicos e tecnológicos ao longo dos últimos anos.

## ABSTRACT

Celebrating the 50th anniversary of *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, the first professional journal of Portuguese Librarians, created in Coimbra in 1963, the Author pays tribute to the generation that founded this important publication; one recognizes the pioneering action and the professional heritage that these Colleagues provided to the following generation, allowing the technical and technological advances that Librarians can achieve nowadays.

## PALAVRAS-CHAVE

CADERNOS DE BIBLIOTECONOMIA, ARQUIVÍSTICA E DOCUMENTAÇÃO

BIBLIOTECÁRIOS DE COIMBRA

HERANÇA PROFISSIONAL

Vivemos tempos nebulosos num país de tristezas, de uma Europa de tibiezas e de um mundo de incertezas. Por contraste, vivemos também tempos de celebração – 50 anos de criação dos *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, 40 anos da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD), 30 Anos do Manifesto sobre a Leitura Pública em Portugal<sup>1</sup> e, proximamente, 30 anos de informatização documental. Razões mais do que suficientes para sinalizarmos as datas, lembrarmos as mudanças e, sobretudo, para prestarmos homenagem aos pioneiros dessas heroicas conquistas que, para sempre, ficarão inscritas na história das bibliotecas portuguesas.

Cabe-me, neste tempo e neste espaço<sup>2</sup>, contribuir para a memória dos *Cadernos* a cuja génese, em Coimbra, no já longínquo ano de 1963, não assisti, mas com os quais me deparei poucos anos depois, em 1971, logo que comecei a frequentar o Curso de Bibliotecário-Arquivista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (CBA), o que não deixou de me surpreender pela vitalidade e capacidade de luta dos seus animadores, então na força da meia idade que, por contraste com os nossos verdes anos, julgávamos muito distante...

Segundo rezam as crónicas, a ideia de criar uma revista da especialidade foi do Colega Calado<sup>3</sup> e logo no editorial do primeiro número<sup>4</sup> se afirma: «Modestos, talvez propositadamente modestos, os *Cadernos – Biblioteconomia e Arquivística* têm um desejo bem definido: constituir a afirmação segura de que os bibliotecários e os arquivistas portugueses aspiram a melhorar a sua autêntica capacidade técnica.

Só pela afirmação do valor técnico do nosso bibliotecário e arquivista é que se demonstrará quanto eles valem e quanto o País lhes fica devendo.»

Da redação dos primeiros números faziam parte nove Colegas – a Maria da Conceição, a Teresa, a Tília, a Rosa, a Rosalina, o Calado, o Portocarrero, o Tomás e o Motta<sup>5</sup> – com quem tive o privilégio de privar, de aprender, de manter relações profissionais e, em muitos casos, de estabelecer relações de amizade que perduraram toda uma vida. Estranhamente ou talvez não, o Dr. Jorge Peixoto, meu Professor, meu «primeiro

1 Este Manifesto, assinado – em 4 de fevereiro de 1983 – por dezoito bibliotecários de bibliotecas públicas e municipais de todo o país, foi publicado nos *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, (1) 1983, p. 11-14.

2 Apesar de ter tentado, o Henrique não me deixou escapar a esta evocação e acabei por lhe ficar grata pela oportunidade e esforço de memória e de... memórias!

3 Adelino de Almeida Calado.

4 Publicado em julho de 1963 em suporte, efetivamente, muito modesto, datilografado e policopiado segundo as técnicas da época...

5 Maria da Conceição Osório Dias Gonçalves, Maria Teresa Pinto Mendes, Maria Tília de Mendonça Machado de Araújo, Rosa Maria Saraiva da Mouta Dias, Rosalina Branca da Silva Cunha, Adelino Amálio de Almeida Calado, António Neves Correia de Sá Portocarrero, Joaquim Tomás da Silva Miguel Pereira e José Manuel Motta de Sousa. A ordem dos nomes citada nos *Cadernos* é alfabética, mas atente-se, como nota curiosa do cavalheirismo da época, no facto de as Senhoras Bibliotecárias serem citadas em primeiro lugar e apenas depois os Senhores!

Chefe» na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) e a grande referência inspiradora da minha vida profissional, manteve-se na retaguarda, embora sendo seu colaborador, sobretudo, no que também rezam as crónicas, como autor da maioria dos editoriais não assinados dos *Cadernos*. Relevante, naqueles primeiros números, era também o facto de a redação incorporar, para além dos Colegas maioritariamente de Coimbra como seria normal, dois representantes de Lisboa e do Porto, numa preocupação de abrangência e de unidade profissional que, mais tarde, haveria de dar os seus frutos, nomeadamente na realização dos Encontros e dos Congressos profissionais de âmbito nacional e, especialmente, na fundação da BAD.

A memória que tenho daqueles primeiros anos da frequência do Curso e do arranque da minha vida profissional<sup>6</sup>, em 1973, era a de que os *Cadernos* eram o órgão aglutinador dos profissionais ou dos candidatos à profissão – da circulação de constantes informações<sup>7</sup> às discussões de natureza técnica, das reivindicações de um estatuto profissional ou de natureza salarial às contestações, junto das entidades competentes, a propósito, por exemplo, entre tantas outras, da criação da figura do Professor-Bibliotecário nas Bibliotecas Universitárias ou, até, ao prosaico e ternurento anúncio de que a Maria Alice tinha acabado de dar à luz uma menina<sup>8</sup>!

Naquele início da década de 1970, o meu Curso de Bibliotecário-Arquivista era sobretudo constituído por gente que tinha acabado de se licenciar e que ousava escolher como primeira opção de vida profissional, ao contrário do que acontecera com a geração anterior, ser Bibliotecário ou Arquivista. Entre as duas gerações de profissionais havia um fosso etário da ordem dos 15 a 20 anos e, talvez por isso, a nossa chegada – jovial, fresca e até contestatária, para não dizer irreverente – deve ter representado um alívio, funcionando como uma esperança de continuidade e de sucessão. O acolhimento que aqueles profissionais mais velhos nos fizeram não podia ter sido melhor, desde a informal, e invulgar para a época, forma de tratamento à disponibilidade permanente para nos tirarem ou... suscitarem dúvidas, do exemplo da competência, da dedicação e da ética profissional ao estímulo generoso para nos impelirem a aceitar novos desafios e a passagem de testemunho<sup>9</sup>. E com esse respaldo e nesse conforto, a minha geração profissional cresceu e veio a dar os melhores frutos de competência e de exercício de funções de responsabilidade entre os quais quero

6 Por insistência do Dr. Jorge Peixoto, em 12/3/1973, enquanto finalizava o CBA, tomei posse do lugar de Catalogadora da BGUC, grande escola de formação e de Mestres, onde também era realizado o estágio final do Curso com carácter obrigatório.

7 No n.º 6 de *Cadernos* de setembro de 1964 faz-se referência à «Informação n.º 109, de 2 de julho passado» (curiosamente sobre a «promessa» de os *Cadernos* passarem a ser impressos), o que dá bem a ideia da frequência de circulação de notícias relevantes.

8 E tal foi o «apadrinhamento» que... também ela se tornou Bibliotecária!

9 Exemplo disso, entre muitos, foi a significativa renovação da redação de *Cadernos*, a partir de 1976, que passa a integrar também bibliotecários mais novos, incluindo eu própria com funções, em 1977, de... «diretor! e de proprietário!», por força da aplicação de uma exigente – e excessivamente cautelosa – Lei de Imprensa publicada na pós-revolução de 1974.

destacar os nomes dos meus Colegas e Amigos: Henrique, Luís, Manel e Paula<sup>10</sup>.

Recordo também aqui a geração de Bibliotecários que antecedeu a de *Cadernos* – Dr. Almeida e Sousa, Dr. César Pegado e Dr. Mário Faria – com quem tínhamos apenas relações reverenciais e recordo ainda outros Colegas que, embora não fazendo parte da redação inicial de *Cadernos* a eles estavam associados pela colaboração e pelo ativismo profissional e com quem tínhamos relações próximas de natureza profissional e de amizade como a Ângela, a Georgina, a Lucília, a Maria Alice, a Maria Armanda, a Maria Emília, a Maria Luísa e o Zé<sup>11</sup> e de quem, igualmente, recebemos provas dedicadas de apoio técnico, de solidariedade e de companheirismo.

Eles, sempre em minoria, uma espécie de «benditos sois vós entre as mulheres», eram sempre acarinhados por elas, em pronunciada maioria! De todas e de todos sempre recebi provas de estímulo, de respeito e de paciência perante o espírito crítico, o inconformismo, a fogosidade ou a irreverência do entusiasmo daqueles tempos e, por isso, lhes estou profundamente grata e lhes presto a minha homenagem sincera, muito especialmente à memória de quantos que, tendo já partido, me deixaram enormes saudades – sentimentos que, estou certa, serão partilhados pelos meus companheiros de geração.

Não vou fazer aqui a história de *Cadernos* porque ela está, ortodoxa e objetivamente, feita em cerca de 60 páginas<sup>12</sup>, mas nesta breve evocação não posso deixar de acentuar algumas notas que me parecem mais relevantes.

Os Bibliotecários e os Arquivistas daquela época não apenas fundaram e sustentaram os *Cadernos*, como também criaram as condições para um amplo movimento que, ultrapassando aquela publicação, contribuiu decisivamente para a valorização técnica e a dignificação do estatuto profissional, o que implicou enormes lutas junto dos poderes instituídos, a promoção de inúmeras reuniões técnicas e a organização de Encontros nacionais dos profissionais<sup>13</sup> para apresentação, discussão e publicação em atas dos textos sobre os temas que mais os preocupavam. A par da atividade profissional do quotidiano e daquelas intensas iniciativas, descobriam ainda energias para algumas visitas e almoços de confraternização que fomentavam o conhecimento mútuo, aliviavam as eventuais tensões e fortaleciam os laços de solidariedade e de entajuda, tão importantes na vida de trabalho como na vida pessoal,

10 Henrique Barreto Nunes, Luís Cabral, Manuel Real, Paula Maria Fernandes Martins.

11 Ângela Maria Barcelos da Gama, Maria Georgina Trigo Ferreira, Lucília Paiva, Maria Alice Curado, Maria Armanda de Almeida e Sousa, Maria Emília Raposo, Maria Luísa Lemos e José Barbosa.

12 Anunciada no primeiro número de *Cadernos* publicado pela BAD – n.º 1, 1983, p. 7-9 – a história da fase coimbrã de *Cadernos* da autoria de Maria da Graça Pericão, Margarida Paiva, Matos Godinho e Isabel Faria sob o título *Subsídios para a história de "Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação"* veio a ser publicada no n.º 1, 1984, p. 5-63.

13 Não nos esqueçamos que, menos de dois anos passados sobre a criação de *Cadernos*, de 1 a 3 de abril de 1965, realizava-se em Coimbra o I Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas Portugueses e cerca de um ano depois realizava-se, em Lisboa, o II e em outubro de 1968, no Porto, o III.

sobretudo quando os tempos eram, ontem como hoje, embora por diferentes razões, tão cinzentos e difíceis. Nesta determinação e nestas lutas esteve sempre presente a figura tutelar do Dr. Jorge Peixoto a quem *Cadernos* e a classe profissional dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas tanto ficou a dever, como foi bem expresso no primeiro editorial publicado após a sua morte<sup>14</sup>.

De facto, os pilares técnicos de uma profissão que se procurava credibilizar foram objeto de inúmeros contributos escritos sobre a ficha catalográfica nacional, as regras de catalogação portuguesas, o tratamento dos manuscritos e do livro antigo, os catálogos coletivos, o Depósito Legal, a alfabetação, as classificações, especialmente a CDU, a normalização, a arquivística no seu sentido mais amplo, a organização funcional das bibliotecas e dos arquivos portugueses, a formação e a atualização profissional, a conservação e o restauro de documentos, o relato das experiências de outros países e, nomeadamente, das reuniões internacionais ou tantos outros...

E se, para a novíssima geração de profissionais, aqueles temas poderão, hoje, parecer «medievais», a verdade é que para a minha foram conquistas vitais que herdámos e ajudámos a consolidar e nos permitiram dar o salto – sempre incentivado e aconchegado pelos pioneiros – para os formatos normalizados de descrição bibliográfica dos vários tipos de documentos, a informatização das bibliotecas e dos arquivos, a rede de bibliotecas de leitura pública, os novos edifícios e as mais modernas formas de organização e de gestão.

Por todas estas razões, considero que a minha geração foi privilegiada, quer pela herança que recebeu, quer pelos marcos técnicos e tecnológicos que teve a oportunidade de desenvolver, quer ainda pelo reconhecimento da profissão que, no nosso tempo, atingiu, muito provavelmente, o seu auge.

Hoje, a maioria de nós encontra-se aposentada e, nessa distância que me permite uma reflexão mais serena e seguramente mais lúcida, não creio que, tão cedo, se possam viver momentos profissionais tão compensadores e estimulantes como aqueles que nós vivemos. Por um lado, as gerações seguintes não cultivaram a humildade intelectual que nos impelia a recorrer aos mais velhos e aos mais sábios sempre que as dúvidas e as incertezas rondavam por perto e reconhecemos que, de certa forma, nós fomos mais distantes e porventura menos generosos com os que nos sucederam.

Por outro lado, vivemos tempos de crise política, económica, social e cultural que temo se prolonguem por muitas décadas e que servirão para minimizar a imprescindibilidade e hipotecar a especificidade das nossas funções enquanto bibliotecários e arquivistas.

Por outro lado ainda, na ignorância dos decisores paira, desde há algum tempo, a estulta convicção de que com a acessibilidade dos meios tecnológicos se supera, com vantagem e sem custos, o exercício das nossas profissões. Pioneiros da informatização de serviços em Portugal, vemo-nos confrontados com a triste realidade de que a «máquina» que criámos e aperfeiçoámos servirá para nos triturar e a crise financeira de contornos

devastadores, agora e no futuro mais próximo, tudo pretenderá justificar – da asfixia orçamental dos serviços à não contratação e esvaziamento dos quadros de pessoal.

As épocas de crise, no passado como no presente, tornam ainda mais urgente a mobilização de vontades na defesa intransigente do nosso estatuto profissional com seus direitos e deveres incluídos e o combate contra o retrocesso de projetos e de conquistas que consumiram as energias de tantas gerações de profissionais.

Neste meu pacífico e ainda bem motivado outono de vida e no balanço que, inevitavelmente, faço dos meus 35 anos de atividade profissional, atenta aos gritantes sinais que torturam o nosso quotidiano e no ano em que ocorrem as celebrações – com tantas dezenas de anos – de três marcos inalienáveis da história das nossas profissões em Portugal, seja-me permitido exortar os Colegas mais novos a honrar os esforços dos pioneiros dos *Cadernos*, da BAD e da leitura pública através da congregação em torno destes inspiradores movimentos e do fomento das suas potencialidades.

Tal como as lições do passado nos ensinaram e como poderão testemunhar os seus atores, apenas a coesão dos profissionais permitirá superar as muitas dificuldades que, para os tempos mais próximos, se adivinham e manter a esperança de que novos e melhores tempos serão anunciados.

14 Vol. 13, n.º 1, Jan-Jun 1977, p. 3-5.